

AS CONSTRUÇÕES APOSITIVAS (CONEXÃO Ø E CONECTOR “POR EXEMPLO”): INTERFACE COM MOVIMENTOS ARGUMENTATIVOS

Nilza Barrozo Dias*
Rafaela Domingues Costa
Josué Lourenço Ferreira

Introdução

Nas construções apositivas, a unidade apositiva expande, clarifica e adiciona atributos a uma unidade matriz (HALLIDAY, 1994). De fato, encontramos uma certa assimetria na relação estabelecida entre as unidades matriz e apositiva. Assim, se o elemento base de referência for constituído por oração, orações ou períodos, a unidade apositiva deverá ser constituída por uma única oração; mas, se a unidade base de referência for um sintagma ou uma oração na unidade matriz, certamente a unidade apositiva será constituída de várias orações.

A nossa proposta focaliza as construções apositivas que tenham movimentos argumentativos de sustentação do ponto de vista, mostrando os vários recursos utilizados pelo falante para processar o seu ponto de vista.

* Dias – Docente da UFJF e bolsista FAPEMIG; Costa e Ferreira – PPG-UFJF.

As amostras de fala e os textos escritos que apresentam tais construções são aqueles em que haja argumentação ou opinião do jornalista ou do falante. Selecionamos amostras do PROCON/Juiz de Fora e textos escritos das revistas *Veja* (Seção *Ponto de Vista*) e *Veredas*. Este artigo aborda parte de um projeto de pesquisa- ***Articulação de cláusulas: a conexão nas construções apositivas***- financiado pela FAPEMIG

Considerações teóricas

As unidades apositivas são introduzidas por conector Ø e por conectores discursivos. O primeiro tipo compreende: (i) as construções que tenham um SN como elemento base de referência que pode estar numa relação catafórica com a unidade apositiva; e (ii) as unidades paratáticas ambíguas. Estão em (i) “as pequenas cláusulas”, representadas pela ??unidade matriz que acumula algumas das funções de conector discursivo. O segundo tipo é constituído por unidades apositivas introduzidas pelos conectores discursivos oriundos de verbos – *isto é, ou seja, quer dizer e vale dizer* - e pelo conector com finalidade argumentativa – *por exemplo*. A seleção do tipo de conector tem uma estreita relação com tipo e gênero discursivos, além de que o conector tem uma função metatextual por representar a voz do locutor, que é delimitada pragmaticamente. Traugott (2005:06) afirma que os marcadores discursivos constituem um canal perfeito para que o falante expresse a sua avaliação não do conteúdo daquilo que é dito, mas do modo como é enunciado.

Tanto as relações semânticas (referenciais: correferencialidade, parte/todo e catafórica; sinonímica; atributivas e hiponímica) quanto as classes semânticas propostas por Meyer (1992:58-89;73-91) foram identificadas na análise dos nossos dados. As relações semânticas mais encontradas na investigação são: *catafórica* e *sinonímica* (as mais recorrentes), além de *parte-todo* e *hiponímia*, sendo *parte-todo* mais peculiar nas construções com *por exemplo*. Podemos ainda considerar as classes semânticas, aqui denominadas de valores semântico-pragmáticos, quais sejam, *avaliação (conclusiva)*, *paráfrase (explicação)*, *especificação*, *particularização*, *focalização*, *causalidade*, *contraste*, *ressalva*, *rati-ficação* e *retificação*, sendo os quatro últimos menos frequentes. No-

gueira (1999) encontrou grande parte dos valores semântico- pragmáticos acima delimitados. Questões: qual o papel do movimento argumentativo de sustentação do ponto de vista nas construções apositivas? Por que a avaliação pode ocorrer junto da argumentação?

Embora as construções apositivas sejam usadas para tornar mais claro o elemento base de referência, podemos considerar que as funções textual-discursivas mais frequentes podem ser usadas para agrupar construções com e sem conector discursivo. A análise nos mostra que o “movimento argumentativo” de sustentação do ponto de vista bem como aquelas construções que apresentem “avaliação(conclusiva)” podem exercer este papel. Há ainda estruturas em que o limite entre a sintaxe e o discurso se mostra bastante difuso. (MEYER, 1992 e DIAS, 2008)

De acordo com White (2001), sentenças avaliativas são aquelas em que se manifesta um posicionamento atitudinal do locutor. O posicionamento atitudinal não é produzido somente pelo emprego de certas palavras ou expressões, mas pela interação de múltiplos elementos, podendo se manifestar de forma implícita (a partir de pressuposições) ou explícita (a partir de marcas lingüísticas). O posicionamento atitudinal pode manifestar-se de três modos: *o afeto, o julgamento e a apreciação*.

No *afeto*, temos a avaliação da emoção do escritor ou falante em relação a pessoas, fatos, acontecimentos ou estado de coisas. No *julgamento*, o autor considera a avaliação do comportamento humano em relação a normas éticas ou regras e convenções de comportamento, a partir do sistema de normas sociais. Na *apreciação*, encontramos a avaliação da forma, aparência, composição e impacto dos artefatos humanos, bem como do próprio indivíduo, sendo o valor mais óbvio da apreciação a anti-estética, com a avaliação negativa de objetos e entidades.

Neves (2000:189), ao analisar os sintagmas adjetivos, destaca os adjetivos que expressam avaliação psicológica, por eles exprimirem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante. Podem ser: na direção da coisa nomeada para o falante (*fantástico, impressionante, etc*); na direção do falante para a coisa nomeada (*sincera, indiferente, etc*).

Vieira (2002:81-82), retomando Schiffrin (1987:17-20), coloca a *posição* (“ponto de vista), a *disputa* e a *sustentação do ponto de vista* como componentes da argumentação. Para efeito de análise, Vieira seleciona como objeto de estudo as seqüências argumentativas entendidas como os segmentos conversacionais em que um participante propõe uma posição e outro desafia a referida posição, podendo haver (ou não) movimentos de apoio neste jogo interacional. Com o objetivo de construir um modelo argumentativo, a autora engloba a existência de três componentes da argumentação – posição, disputa e sustentação.

A posição constitutiva deste modelo argumentativo expressa a tese ou ponto de vista a ser defendido pelo falante, sendo composta por uma *idéia* (informações descritivas de situações, estados, eventos e ações no mundo) e pelo *compromisso* (alinhamento/postura/adesão) do falante com aquela “idéia”. A disputa refere-se a um desacordo (RECH ou REFU) em relação a uma posição ou a sua sustentação. E, finalmente, a *sustentação* é o componente destinado a apoiar as posições em disputa. Vieira (2002) aponta, na sustentação do ponto de vista, a *justificação*, a *explicação* (exemplos, dados estatísticos e testemunhos) e a *evidência empírica* (escusa e justificativa). Cada um desses atos de fala fornece informações através das quais o falante induz o ouvinte a tirar uma conclusão a respeito da aceitabilidade ou legitimidade da posição.

As construções apositivas e a sustentação do ponto de vista

As unidades apositivas servem para expandir a unidade matriz, tornar mais clara para o locutor a informação contida na unidade matriz. Algumas das construções apositivas encerram uma relação estreita com o movimento argumentativo de sustentação do ponto de vista.

As construções apositivas com um SN catafórico como elemento base de referência podem apresentar uma unidade apositiva que expandirá a informação do SN, geralmente, de referência genérica (NOGUEIRA E LEITÃO, 2005). Dependendo da estrutura argumental do verbo da unidade matriz, poderemos ter o “ponto de vista” expresso na unidade

matriz e a sustentação do ponto de vista, na unidade apositiva, ou poderemos ter o “ponto de vista” expresso na unidade apositiva, sendo a sustentação realizada fora do âmbito da construção apositiva.

A construção apositiva representada pela “pequena cláusula” terá a unidade matriz como “ponto de vista” que representa uma avaliação do jornalista e a unidade apositiva será a sustentação do “ponto de vista”, o que poderá ser feito através da continuação da avaliação, da evidência empírica ou de dados estatísticos.

A construção apositiva com conector discursivo “por exemplo” terá a unidade matriz como “ponto de vista”, que representa a informação como um todo, e a unidade apositiva representará a sustentação do ponto de vista, o que poderá ser feito através da particularização, exemplificação e especificação, o que constitui a parte na relação semântica. A sustentação do ponto de vista pode ser feita através de evidência empírica, narração ou relato e dados estatísticos. Elencaremos as construções apositivas na ordem acima descritas.

As construções com SN catafórico

Vejamos a seguir alguns exemplos de como os falantes operam esses movimentos argumentativos da sustentação do “ponto de vista” em ocorrências do PROCON/Juiz de Fora/MG¹. É notória a ocorrência de “operador argumentativo” “(é) o seguinte” na unidade. O SN “o seguinte” poderá ocorrer na unidade matriz sozinho; como parte de uma

¹ Nas atividades de fala aqui em estudo, o Reclamado (José), cliente insatisfeito com a prestação de serviços oferecida por uma empresa, e o Reclamante, representante dessa empresa, confrontam opiniões a fim de chegarem a um consenso e, por consequência, a um acordo. Nesse contexto, ambas as partes defendem suas posições lançando mão de Movimentos Argumentativos (MA) que justificam, exemplificam ou explicam as ações realizadas por elas.

² Estamos chamando de operador argumentativo por ele introduzir seqüência argumentativa. Reconhecemos, contudo, que há algumas ocorrências em que “é o seguinte” não aponta para a argumentação, mas apenas direciona as atividades a serem desenvolvidas no PROCON. Como não concluímos a investigação, a denominação “operador argumentativo” se aplica a todas as situações com a estrutura “é o seguinte”.

estrutura argumental de verbo de atividade ou ação; e como predicativo numa estrutura com verbo de ligação. Nos casos em que aparece sozinho ou em estruturas com predicado nominal, “o seguinte” poderá ser antecedido de elementos lingüísticos em processo de gramaticalização – *aconteceu* – que opera no nível do discurso para introduzir seqüência argumentativa (TRAVAGLIA 2003:5); *vamos fazer*, uma perífrase de futuro que opera no nível da modalidade (TRAVAGLIA, 2003:9); e *xô fazer*, que opera no nível interacional como forma de permissão já entendida como dada. Observemos os exemplos a seguir.

Exemplo (1)

01	José:	é uma peça elétrica. (0.2) se: ela não acusar o defeito >na hora,<
02		tem como- como a pessoa falar que ela tem que ser trocada.
03		(1.2)
04	José:	<uma [peça elétrica.
05	Marta:	[na:::o.
06	José:	é igual- <i>aconteceu isso aqui ó::</i> (0.5) cabo de ignição. eu tava
07		indo pra universidade, °levar minha mãe pra passear, = >meu pai,<°
08		começou a dá um:: (1.0) uma a sair- uma faísca de- >uma-< tipo uma
09		corrente no::- (.) aí eu fui- >vê- lig- o carro< começou a perder a
10		força.é uma peça elétrica. como que o cara vai adivinhar na hora,
11		hora que ia levar o carro ali pra ele ver, que a peça vai dar defeito.
12		(1.2)
13	José:	ninguém adivinha.

Analisando a construção apositiva, verificamos que a unidade matriz “*aconteceu isso aqui ó:: cabo de ignição*” tem como elemento base de referência o sintagma pronominal “*isso*”, ou seja, um pronome neutro catafórico, de referência genérica. Portanto, esta primeira unidade tem por função direcionar a atenção para a informação seguinte. “Aconteceu” sinaliza que haverá uma narrativa ou relato, mas antes José aponta, situacionalmente, o problema elétrico do carro, representado pelo cabo de

ignição. A unidade apositiva é representada pela narrativa de José (em negrito).

As linhas 01-02 expressam o ponto de vista de José - “*defeito na parte elétrica só pode ser identificado se a peça acusar defeito*”. A fim de sustentar sua posição, o Reclamante José se utiliza de uma evidência narrativa factiva³, representada pela construção apositiva nas linhas 06-13. Neste contexto, o Reclamado se exime de qualquer responsabilidade com os gastos realizados pelo cliente, garantindo ter vendido o veículo em perfeito estado de funcionamento.

Exemplo (2)

59	Lúcia	=aliás não <u>houve</u> rendimento. meu dinheiro mingUOu.
01		(1.2)
02	Lúcia	em vez de aumentar.
03	Rui	aonde que a senhora tá tirando [essas comparações?]
04	Lúcia	[no mês de ouTUbro]
05		(0.3) vocês me mandaram o seguinte,
06		(1.2)
07	Lúcia	isso aqui ó:, mês de outubro, não constava nem
08		trinta,
		nem cento e trinta
09		(0.2)
10	Lúcia	então, eles tinham me:- é: eles tinham quatro mil
11		reais.
12		dos quatro mil, eles tiraram u:m carregamento que é
		os
		cinco por cento[deles da ad]ministração, =
13	Rui	[é os ()]
14	Lúcia	=me tiraram uma contribu- a:: um::
15		(3.0)
16	Lúcia	bom, no total aqui dos quatro, eu fiquei com três
17		oitocentos e vinte oito.

Em relação à construção sintática da aposição, a unidade matriz tem por base um SN catafórico, “*o seguinte*”, linha 5, que funciona como elemento de referência, projetando a informação contida na unidade apositiva: o extrato bancário realizado na conta da falante.

³ Vieira (2007) propõe três tipos de narrativa: factiva, fictiva e ficional.

Também nesse exemplo, temos uma sustentação de ponto de vista. No entanto, nesse contexto, Lúcia se utiliza de um outro tipo de evidência empírica: os dados estatísticos. Isso pode ser observado nas linhas 10-12 em que ela apresenta a porcentagem do valor recolhido de sua conta pela administração do banco, para sustentar seu ponto de vista implícito: “*não houve rendimento. Meu dinheiro minguou*”.

A análise de construções apositivas com SN catafórico na unidade matriz revela que a unidade apositiva poderá, além de funcionar como sustentação do ponto de vista, também desempenhar, com considerável frequência, o papel do próprio ponto de vista. Vejamos a seguinte ocorrência.

Exemplo (3)

01 Eva	(por alto () reclamação do:: do marcos). (0.8) aí
02	que dia que cês me tem o resulta::do e tu:do
03 Paulo	o:: o problema do marcos é o seguinte (1.5) ele:: se
04	não me engana alega que: tem cinquenta e dois reais
05	de fundo de reserva, consórcio motocicleta não é isso?

A construção apositiva do exemplo acima (linhas 3-5) expressa o ponto de vista do Reclamado, ou seja, a justificativa da ida do cliente ao PROCON. Por ser da parte contrária, o Reclamado modaliza o ponto de vista do Reclamante através da estrutura condicional e do próprio verbo *alegar*. A unidade matriz apresenta o “operador argumentativo” “é o seguinte” funcionando como um ato preparatório de uma declaração a ser dita na unidade apositiva. A sustentação desse ponto de vista se efetuará em seqüência pelo Reclamante, mas não estará presente na construção apositiva.

Quadro I: SN catafórico de sentido geral e movimentos argumentativos

Construção apositiva	Movimentos argumentativos
Unidade matriz	“ponto de vista”
Unidade apositiva	“ponto de vista”
	Sustentação: a)Explicação; b)Evidência empírica (dados/exemplos); c) Evidência narrativa/ relato

As “pequenas cláusulas”

Segundo Dias (2008), “as “pequenas cláusulas” representam a delimitação e conseqüente focalização da avaliação do falante acerca de um segmento tópico que esteja no fluxo de informação, cuja realização lingüística se dá através de sintagmas avaliativos que poderão ocorrer sozinhos ou numa oração de predicado nominal. O resultado é uma informação focalizada e saliente discursivamente, cuja delimitação pragmática fica evidente”. Convém ainda destacar que as “pequenas cláusulas” apresentam algumas das funções peculiares de conector discursivo, ou seja, conecta a informação que a antecede com a informação que a sucede.

Dias (2008) identifica as seguintes características das “pequenas cláusulas”: (i) a unidade apositiva poderá constituir-se de uma continuação da *avaliação* projetada na unidade matriz; e (ii) a unidade apositiva poderá constituir-se de uma série de argumentos que servem para convencer o interlocutor a participar da *avaliação* explicitada pelo locutor na “pequena cláusula”.

Quadro II: “Pequena cláusula” e movimentos argumentativos

Construção apositiva	Movimentos argumentativos
Unidade matriz- “pequena cláusula”	“ponto de vista”
Unidade apositiva	Sustentação a) Evidência empírica (evidências/dados estatísticos); e b) Evidência avaliação (julgamento/ apreciação)

A “pequena cláusula” é a centralizadora do processo de avaliação, podendo o julgamento e a apreciação do locutor anteceder-lá e/ou sucedê-la. Ou seja, a “pequena cláusula” apresenta função conectiva semelhante aos demais conectores discursivos apositivos. Observemos os exemplos abaixo.

(4) Várias autoridades governamentais têm mostrado mais indignação com a onda de acusações que com os indícios de corrupção. Há um padrão indiscutível: **quando a onda se eleva, a resposta é o anúncio de uma série de medidas para apurar, punir e prevenir a corrupção nos órgãos de suspeita. Quando a onda baixa, as medidas entram em banho-maria, quando não em espera criogênica da próxima onda.** (Em foco – Atitudes fora do lugar (Sérgio Abranches. 18.04.01)

O exemplo (4) constitui uma construção apositiva com conector Ø. A unidade matriz sublinhada é expandida, clarificada na unidade apositiva em negrito. A unidade matriz representa ainda o julgamento do jornalista acerca do comportamento das autoridades governamentais no quesito corrupção, criticando-as por estarem mais preocupadas com as acusações recebidas. Este julgamento está associado a regras de comportamento ético e moral, constituindo uma avaliação negativa acerca das autoridades governamentais.

A unidade apositiva representa a sustentação da avaliação feita pelo jornalista, ou seja, ele analisa altos e baixos na reação dos governantes para atenuar as acusações e não propriamente solucionar o problema da corrupção, o que constitui uma evidência empírica. A avaliação – *Há um padrão indiscutível* – constitui o “ponto de vista” defendido pelo jornalista, ao mesmo tempo em que faz uma ponte entre as informações que a antecedem com as informações que a sucedem.

(5) Mas o que lhe oferecem no banco pela aplicação do seu dinheiro não é mais que uma fração dos 19%, e pior: **quando se trata de tomar um dinheirinho emprestado, é sempre um múltiplo indecente dos 19%.** (Em foco: “O gigante custo do crédito”. Gustavo Franco. 29.10.03)

O exemplo (5) evidencia a unidade base de referência – *o pior* – como representante de um tipo de avaliação, o *juízo*, do jornalista acerca da aplicação financeira proposta pelos bancos. Temos uma apreciação negativa. Para sustentar esta avaliação, que constitui “o ponto de vista”, o jornalista continua com alguns elementos avaliativos (*múltiplo*

indecente e percentual) para reforçar o seu ponto de vista. A unidade apositiva em negrito constitui uma evidência empírica da avaliação expressa na unidade matriz sublinhada, o que é feito através de crítica ao percentual cobrado pelos bancos.

Unidade apositiva introduzida pelo conector discursivo “por exemplo”

O conector discursivo “por exemplo” introduz unidade apositiva que estabelece uma relação geral-específico, sendo que o específico serve para particularizar a unidade base de referência contida na unidade matriz. Há uma correferência parcial, já que a unidade apositiva, ao expandir a unidade matriz, o faz parcialmente (MEYER, 1985, COSTA, 2008). A correferencialidade ocorre, segundo Meyer, 1992:59), quando as duas unidades de aposição fazem referência ao mesmo pedaço da realidade, que poderá ser de dois modos: a correferência estrita (conexão entre os significados da unidade e os referentes do mundo externo) e a correferência do ponto de vista do falante (o falante considera os significados das unidades apositivas muito próximos.). Nas aposições introduzidas por “por exemplo”, encontramos a relação denominada parte/todo (LYONS, 1977:31), na qual a segunda unidade é incluída na referência da primeira (MEYER, 1992:62).

Podemos ressaltar ainda a notória mobilidade de “por exemplo”, que ocorre nas posições inicial, medial e final da unidade apositiva. É bom destacar que nem todas as ocorrências com “por exemplo” expressam seqüência argumentativa.

Costa (2008) propõe que a unidade matriz constituirá o “ponto de vista” e a unidade apositiva expressará a seqüência argumentativa na grande maioria dos dados analisados. Para sustentar o seu ponto de vista, o locutor poderá recorrer à evidência empírica, através da exemplificação e especificação; à evidência narrativa, quando ele conta uma história ou faz um relato a fim de convencer o outro da sua idéia defendida; e à evidência avaliativa, quando o locutor utiliza a sua avaliação e julgamento da situação em curso para convencer o outro, por meio de autoridade, da idéia defendida. Observemos o quadro abaixo.

Quadro III: Movimentos argumentativos nas construções apositivas introduzidas por “por exemplo”

Construção apositiva	Movimentos argumentativos
Unidade matriz	“ponto de vista”
Unidade apositiva	Sustentação: a) Evidência empírica (dados e exemplos); b) Evidência narrativa; e c) Evidência avaliativa.

O exemplo abaixo representa uma construção apositiva, em que há a sustentação do ponto de vista.

(6) Qualquer nota depende tanto da excelência dos alunos como da dificuldade das provas. **Por exemplo, as notas baixas dos cursos de matemática podem ser devidas a expectativas irrealistas dos que redigiram as provas. Se a prova é difícil demais, as pontuações são baixas.** (Claudio de Moura Castro. Revista *Veja*. Ponto de vista: “Por que defendo o Provão” (20.08.2002)

O exemplo (6) mostra a relação semântica geral-específico⁴, sendo o geral colocado na unidade matriz sublinhada e o específico focalizado na unidade apositiva em negrito. O jornalista posiciona o seu “ponto de vista” de que a nota depende não só dos alunos, mas também do grau de dificuldade das provas. Para dar sustentação ao seu “ponto de vista”, ele exemplifica, especificando o caso dos cursos de matemática. A correlacionalidade do ponto de vista do locutor é parcial.

O jornalista acredita ser necessário enfatizar a unidade apositiva, por isso, devido a sua intenção comunicativa, insere a pausa marcada após a unidade base. Nos termos de Decat (1999), temos uma cláusula *desgarrada* ou *idea unit*, nos termos de Chafe (1994), ou seja, a unidade apositiva realiza-se como unidade independente, após uma curva entonacional descendente na fala ou ponto na escrita.

⁴ Consideramos a denominação geral- específico para todas as ocorrências, embora tenhamos encontrado também a relação parte-todo.

(7) “Ninguém nos Estados Unidos percebeu que o programa não é 100% real, tem algumas coisas que são inventadas, sim. **Por exemplo, no segundo episódio em plena festa de aniversário da minha filha eu saio pra falar ao telefone com pacientes. Aquelas conversas não são de verdade.**” (Robert Rey 10 de novembro de 2004 - Revista *Veja*, páginas amarelas)

Em (7), a unidade apositiva “desgarrada” expande o elemento base de referência que é constituído por todo o elemento sublinhado. Podemos observar a relação semântica geral-específico, já que a unidade apositiva destaca o comportamento do falante na festa de aniversário, especificando, exemplificando o que está sendo assegurado na unidade base sublinhada. Encontramos então a correferencialidade parcial (MEYER, 1992 e COSTA, 2008).

A unidade apositiva introduzida por “por exemplo” é “desgarrada” para que fique em foco a intenção comunicativa do falante, ou seja, ele destaca a parte como muito relevante. O conector discursivo ocorre na posição inicial da unidade apositiva.

No que diz respeito à interface como a argumentação, podemos observar que o “ponto de vista” é manifesto na unidade matriz, enquanto a sustentação do ponto de vista é encontrada na unidade apositiva, sob a forma de evidências formais.

(8) “Temos um advogado lá, mas ele nem sempre está disponível para responder a todas as dúvidas que temos. **No julgamento, por exemplo, ele não foi, mandou seu secretário.**” (Clarisse Gularte – 02/03/05- Revista *Veja*, páginas amarelas).

O *por exemplo* se encontra em posição medial, ou seja, após um sintagma preposicionado introdutor de unidade apositiva – *no julgamento*. A unidade apositiva em negrito retoma e particulariza, exemplificando o exposto na unidade matriz. Assim, a unidade matriz – *o advogado nem sempre está disponível* – representa, na relação semântica geral-específica, a informação de referência geral, enquanto a unidade apositiva – *em um determinado julgamento, o advogado também não estava dispo-*

nível para responder dúvidas – representa a informação de referência específica.

No exemplo acima, encontramos duas estratégias de focalização de informação na unidade apositiva. A primeira é a estratégia do desgarramento da unidade apositiva. Assim, embora a unidade apositiva *desgarrada* mantenha uma relação semântica com a unidade anterior, o falante a coloca numa outra unidade para enfatizar alguns aspectos textual-discursivos. Se o falante quer “dar mais ênfase a sua intenção comunicativa, ou foco, maior será a tendência a utilizar uma unidade desgarrada para que o fluxo informacional e a cadeia temática tenham mais peso” (DECAT, 1999). Se a unidade apositiva não for desgarrada, este foco não fica em evidência.

A segunda estratégia é a da focalização na fronteira de constituinte (... Sujeito). Observamos que, como ocorre geralmente na articulação de cláusulas de um modo geral, a troca de posição da cláusula ou de um sintagma pode levar a uma mudança de foco dado pelo locutor ou jornalista àquele tipo de estrutura selecionado na construção do texto. Desse modo, quando o marcador “por exemplo” ocorre entre a fronteira de constituintes “...- sujeito”, ele perde a sua função catafórica, mais peculiar na fronteira (verbo...complemento⁵) e torna-se anafórico (nas fronteiras que antecedem o sujeito). O adjunto adverbial deslocado para a posição antes do sujeito fica em evidência como exemplo de uma ocasião particular de um comportamento comum (geral) do advogado.

A fronteira tênue entre sintaxe e discurso

As construções apositivas mostram-se com comportamento bastante específico quando observamos não somente a realização sintática através de unidades A e B, mas também quando observamos algumas de suas características textual-discursivas. Assim, a função da avaliação tem-se mostrado bastante produtiva na análise de dados com ou sem conector discursivo. Outro fato relevante é a presença de movimento argumentati-

⁵ Ver Silva, Tarallo e Braga (1996).

vo. Conforme observado acima, o “ponto de vista” e a “sustentação do ponto de vista” nem sempre coincidem com as unidades matriz e apositiva, respectivamente. Observamos ainda que, em alguns casos de paráfrase parcial (HILGERT, 1993), a mescla entre sintaxe e discurso não nos permite delinear com precisão os campos de investigação, mas ao contrário provar que eles podem se complementar de modo que a atividade verbal possa ter êxito. Observemos o exemplo abaixo.

(9) Estudos realizados mais recentemente sob o prisma da “gramática das construções” (construction grammar) têm destacado a importância e a necessidade de um modelo capaz de explicar padrões mais idiomáticos de uma língua como uma instanciação de construção gramatical. KAY & FILLMORE (1999:07), cujos trabalhos seguem os preceitos dessa abordagem, defendem, **por exemplo**, que a vantagem de um modelo construcional é a possibilidade de demonstrar a estreita relação de construções mais idiomáticas com construções mais familiares no licenciamento de sentenças da língua. Dessa forma, compreendo que a emergência de enunciados deste tipo se dá a partir de estruturas já presentes no português, a saber, as estruturas coordenadas. (Dados Veredas)

Podemos observar, no trecho acima, uma estratégia de reformulação a que os interlocutores recorrem para construir e reconstruir suas falas, é a paráfrase (HILGERT, 1995). Para o autor, a paráfrase é um enunciado lingüístico que, na seqüência do texto, reformula um enunciado anterior, o enunciado-origem, com o qual mantém uma equivalência semântica. Ao passar da matriz para a paráfrase, o locutor poderá manifestar a especificação ou a generalização como movimentos semânticos. No caso da nossa investigação, o movimento semântico da matriz para a paráfrase se faz do geral para o específico; isto quer dizer que a abrangência da matriz é maior, o que possibilita a atualização de traços semânticos no parafraseamento. Retomando o exemplo acima, encontramos “a necessidade e a importância de um modelo de construção gramatical” como uma informação mais geral e os representantes da lingüística cognitiva, Kay e Fillmore, como uma expansão de parte da informação; temos então o específico.

Esperava-se que o conector “por exemplo” ocorresse na forma “desgarrada” no início da unidade parafrástica, antes da citação dos autores. Contudo, o autor prefere introduzir o conector discursivo “por exemplo” na fronteira de constituintes, verbo...complemento, numa oração completiva encaixada como objeto direto da oração núcleo.

Costa (2008) considera que, nas fronteiras de constituintes, o “por exemplo” funciona principalmente como um focalizador. Para Braga (1997:281), o foco tem a ver com a saliência e a importância do que dizemos a respeito das coisas tópicas; o que corresponde à visão de Halliday (1994). Para Lambrecht (1994), o foco compreende um tipo de proeminência em que o falante marca aquilo que deseja ser interpretado como informacional, sendo que o foco carrega normalmente informação nova, o que difere do tópico.

Podemos então considerar que temos uma reformulação com uma paráfrase especificadora. O que mostra a mescla entre sintaxe e discurso é a realização da relação semântica geral-específico. O geral da construção apositiva coincide com o geral da relação textual parafrástica. Mas o específico é não coincidente, já que o “por exemplo” é apenas um focalizar. Ele serve para apontar, cataforicamente, a importância do modelo construcional e ocorre, sintaticamente, na fronteira de constituinte. Já no nível discursivo, temos, no específico da relação parafrástica, o destaque dos autores Kay e Fillmore com a proposta teórica do modelo construcional.

Conclusão

As construções apositivas apresentam-se de modo bastante diversificado, embora todas elas primem pela expansão e clarificação de algum sintagma, oração ou período constantes na unidade matriz. Elas podem ser conectadas por conectores discursivos e por conector Ø. Interessamos aquelas estruturas apositivas que apresentem o movimento argumentativo da sustentação do ponto de vista. São elas: (i) construções com conector Ø – as unidades matrizes apresentam estruturas com SN catafórico, “o seguinte”, e as unidades apositivas são representadas pelas “pe-

quenas cláusulas”- e (ii) construção com conector discursivo – selecionamos as unidades apositivas introduzidas por “por exemplo”.

Além das relações e classes semânticas abordadas, que são peculiares das construções apositivas, percebemos que as construções selecionadas podem funcionar como expressão de movimento argumentativo. Verificamos a sustentação do ponto de vista e observamos que, geralmente, o “ponto de vista” é coincidente com a unidade matriz e a sustentação com a unidade apositiva. No entanto, nas construções com SN catafórico na unidade matriz, poderemos encontrar o “ponto de vista” quer na unidade matriz, quer na unidade apositiva. Mostramos ainda uma ocorrência em que o limite entre a sintaxe e o discurso não se faz tão preciso.

Podemos considerar ainda que a realização da avaliação e da argumentação nas construções apositivas representam, do ponto de vista micro, as relações macro da interação verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Maria Luiza. Fala, Escrita e Estratégia de Focalização. In: *Anais do II Encontro de Funcionalistas*. Araraquara.SP.1997.

CHAFE, Wallace. *Discourse, consciousness, and time*. Chicago Press. 1994.

COSTA, Rafaela Domingues. *A multifuncionalidade e trajetória de “por exemplo”*. Dissertação de mestrado defendida no PPG-Linguística da UFJF. Maio de 2008.

DECAT, Maria Beatriz N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. In: *Scripta*. Belo Horizonte. Volume 2, no. 4, p.23-28.1999.

DIAS, Nilza Barrozo. Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático- discursivo. In: *Conexão de orações*. Revista *Veredas*, vol. 8, números 1 e 2. Editora da UFJF, p. 63-78, 2005.

———. *As “pequenas cláusulas” nas construções apositivas*. Ataliba T. de Castilho (Org.). *História do Português Paulista*, série Estudos, volume I. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem. 2008.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed., London: Edward Arnold, p.225, 1994 [1985].

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, dino(org.). *Análise de textos orais*. SP.FFLCH/USP.1993.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and mental representation of discourse referents*. Cambridge University, 1994.

LYONS, John. *Semantics*. Lisboa:Editorial Presença. 1980[1977].

MEYER, Charles F.*Apposition in contemporary English*. Cambridge Press, 1992.

NOGUEIRA, Márcia. *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escrito no Brasil*. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara. 1999.

NOGUEIRA, M. T. & LEITÃO, R. J. A oração substantiva apositiva: aspectos textual-discursivos. In: DIAS, Nilza B. & DECAT, Maria Beatriz N. (orgs). *Conexão de orações*. Revista Veredas. UFJF. 2005.

SCHIFFRIN, Deborah – *Approaches to discourse*. USA.Blackwell, p. 17-20, 1987.

SILVA, G., TARALLO, F.& BRAGA, M.L..Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas. In: *Gramática do Português Falado*, vol. IV.SP.Fapesp/Unicamp. 1996.

TRAUGOTT, E. C.The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization.<http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso: 08/2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação - Estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003:306-321.

VIERA, Amitza T. *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo- interacional*. Dissertação de Mestrado, UFJF, p.81-82, 2002.

VIEIRA, Amitza T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de doutorado. PUC.RJ.2007.

WHITE, Appraisal. [www. grammatics. com/ appraisal](http://www.grammatics.com/appraisal). Acesso /2001.

Resumo:

As construções apositivas realizam-se como unidades matriz e apositiva. Elas são introduzidas por conector \emptyset e por conectores discursivos. A apositiva serve para clarificar e elaborar o significado da matriz. O nosso foco está nas construções apositivas que também podem ser vistas como realização de movimentos argumentativos, com destaque para a “sustentação do ponto de vista”. As estruturas selecionadas para análise são: A) aquelas introduzidas por conector \emptyset : (i) a unidade matriz com operadores; (ii) a unidade matriz que funciona como “pequena cláusula”, e B) aquelas introduzidas por *por exemplo*. As estruturas selecionadas em (ii) e (iii) podem também expressar avaliação.

Abstract:

The appositive constructions realize as matrix and appositive unites. They are introduced by \emptyset or by discursive markers. The appositive unit clarifies and elaborates the meaning of the matrix. We concentrate on the appositive constructions which can accumulate functions of argumentative movements, specially the sustentation of the view point. The structures selected are: A) those introduced by \emptyset : (i) the matrix unit with discursive operators; (ii) the matrix unit functions as a “small clause”. B) Those introduced by discursive marker “for exam-

ple”. The structures selected in (ii) and (iii) can also express evaluation.

Palavras-chave: construções apositivas; movimentos argumentativos; avaliação.

Key-Words: appositive constructions; argumentative movements; evaluation.